

— RUBEM BRAGA —

# NOSSOS ALLIADOS

Outro dia aconteceu que um naviozinho da Costeira resolveu passar o dia inteiro em São Francisco, velha cidade sympathica. Tive a doce ideia de percorrel-a em bicycleta. E lá fui subindo ladeiras e descendo ladeiras até que a chuva me pegou em um logar longe e a bicycleta derapou em uma estrada escorregadia.

Voltei ao navio. E, como a chuva continuava fininha, estiquei-me no beliche e, por acaso, abri um mappa.

Fiz então a extraordinaria descoberta de que São Francisco é uma ilha e Joinville fica ali pertinho, no continente.

A minha velha burrice geographica levou um choque — e eu resolvi saber si existia mesmo aquella estrada de ferro que estava ali como um tracinho preto ligando a ilha ao continente. Existia. O que não existia era a ilha de São Francisco, desmoralizada por um aterro que, substituindo uma ponte, transformou a ilha em peninsula.

O tremzinho jogava um pouco mais que o navio da Costeira — e, no lugar de gaivotas, lá fóra havia mosquitos. A paizagem era chá e triste a bombordo e a estibordo, com vegetação rala, ás vezes mangue, ás vezes agua, ás vezes plantação abandonada de arroz.

Assim vos conheci, doce Joinville, e tivestes a bondade de mandar passar a chuva para que eu pudesse andar pelas vossas longas ruas ingenuas. Para me tornar mais perplexo sem me fazer incoherente, Deus encheu meu coração de um frio desprezo pelo nazismo e de um cáldo amor pela Allemanha. Foi, assim com um especie de melancolia que eu vos amei á

primeira vista, doce Joinville. Amei vossas casinhas ao mesmo tempo sensatas e lyricas, tantas de madeira, com o sôtão gracioso e as cortinas claras se balançando nas janelas. Tudo tinha um ar de limpeza e de bom gosto, tudo era simples e puro, com uma harmonia singela. Graves paes de familia passavam ás vezes de bicycleta levando seus embrulhos, seu guarda-chuva — e seus bigodes rui-vos. E vi meninas de duas tranças louras com fitinhas azues, vi moças altas e ageis falando um allemão meio adoçado pela distancia, vi gordas senhoras vermelhas e maternas. Tudo aquillo era Allemanha e entretanto eu me obstinava em vêr ali um vago ar de Brasil, em doce conjuncção. Compreendi que ha problèmes que devem ser tratados ao mesmo tempo com a força e o carinho, problemas que ao mesmo tempo precisam de solução urgente e lenta, vigorosa e macia. E' um fino problema de conquista, é uma complicada campanha de armas e de sentimentos.

E o mal maior fomos nós mesmos que o fizemos. Trata-se agora de emendal-o. Porque não cuidemos apenas de conquistar para o Brasil pedaços da terra do Brasil — mas tambem, na medida do possivel, gente nascida no Brasil. Contra a insolencia, o remedio é o castigo rapido, o castigo que deve ser fulminante quasi tanto como um castigo nazista — mas contra o sentimento o remedio é o sentimento. E os nossos grandes aliados, meu carò sr. Coelho de Souza, hão de ser mesmo aquelles garotos louros e aquellas doces meninas de fitinhas azues nas tranças douradas.